

Capítulo 13

JUAREZ ANTÔNIO
FELIPE PEREIRA

setembro, 2019

VOZES DA
AGRICULTURA
ecológica II

Laércio Meirelles





Juarez Antônio

setembro, 2019

FELIPE PEREIRA



Começo este texto com uma das primeiras frases que ouvi do Juarez:

- Laércio, às vezes digo para as pessoas, eu não sou só arroz, tem outras coisas aqui também.

Fala e sorri.

Sim, sei que tem. Conheço Juarez há décadas, prosa boa, suave, gosta de uma boa reflexão e de expressá-la com frases certas. Mas, sim, digo a ele, difícil desvincular sua imagem do arroz.

E foi sua trajetória como arroteiro ecologista que me motivou a procurá-lo para tentar escrever algo sobre seu trabalho, sobre sua história.

Sentamos na sala-cozinha da casa para conversarmos. Fogão à lenha aceso. Sobre a mesa, muitos livros. Vejo os títulos. São de receitas naturalistas, de cura pela alimentação, de agricultura e espiritualidade. Observo também um calendário biodinâmico. Nada disso me surpreende, assim como não me surpreende ver, em diferentes lugares, arroz. Em casca, descascado, em palha. Mostra uns feixes colocados sobre alguns caixotes empilhados:

- Trouxe esses para medir tamanho e analisar os grãos com atenção.

É, como vamos ver nesse texto, existe um mistério entre Juarez e essa planta tão especial, o terceiro cereal mais consumido do mundo.

Juarez nasceu em 1956, na mesma propriedade onde hoje vive, no município de Barra do Ribeiro, cerca de 60 quilômetros ao sul de Porto Alegre. Foi o primeiro dos filhos a nascer nessa área, os quatro anteriores vieram ao mundo em outro local, 11 quilômetros distante. Um ano antes dele nascer, seu pai havia adquirido onze hectares de terra, em parte para seguir com sua lida de agricultor, tendo o arroz como cultura principal.

Eram outros anos, outro país. Mais de dois terços da população viviam na área rural. Em que pesem as boas lembranças que a vida bucólica no interior pode nos trazer, é bom lembrarmos também que para uma parcela significativa dessa população a educação era muito precária e a fome vigiava boa parte das famílias. As condições de trabalho eram penosas, a maior parte das atividades desenvolvidas manualmente, algumas poucas com tração animal. O trabalho marcava forte presença na vida das pessoas, às vezes, desde uma idade muito tenra:

- Meus irmãos começaram a trabalhar muito cedo. Eu comecei mais tarde, com sete anos.

Sim, mais tarde, com sete anos:

- O trabalho oficial era na lavoura de arroz, mas tinham outras tarefas, como buscar tratos para os animais, porcos, vacas e bois de canga. Esses eram os trabalhos das crianças. Era o que eu fazia, com minhas irmãs, uma mais velha, outra mais nova.

Mas o que Juarez gostava era de trabalhar na lavoura de arroz. Eram cerca de 3 hectares. A limpeza era manual, trabalho que uma criança poderia fazer, como retirar da lavoura capim arroz, arroz vermelho, algumas ervas de folha larga. Dez a doze vezes por ciclo

cultural. Recordar-se da sua adoração pelo arroz cateto. Encantava-se com aquele grão liso, gostava de ver que não tinha aristas.

Uma das características do trabalho que Juarez desenvolve é com o resgate de variedades de arroz. Muitas vezes recebeu alguns grãos, dedicou-se a multiplicar, observar seu comportamento, analisar sua adaptabilidade, eventualmente difundir seu uso. Por isso impressiono-me com o que ouço a respeito do que ele fazia ainda muito criança:

- Eu lembro de mim, com 7 ou 8 anos, quando achava um arroz cateto no meio do arroz farroupilha. Era muito raro. Quando encontrava aquele arroz, eu achava lindo, marcava com uma estaca, ficava ligado. Quando madurava, eu colhia, para no outro ano multiplicar. Nas horas vagas, enquanto meu pai sesteava, eu ia plantar esse arroz cateto.

Juarez segue contando, revendo a cena, parece que retrocede quase seis décadas na ampulheta do tempo:

- Naquele momento eu já exercitava o olhar; não para conhecer o grão, mas a folha diferente de uma ou outra variedade. O pescador olha o peixe que eu não vejo. Ele tem o olhar para isso. Eu desenvolvi a mirada, desde aquele tempo, para esse detalhe da morfologia da folha do arroz, reconhecer detalhes dos diferentes tipos.

O pai do Juarez não mergulhou na falsa modernização da agricultura, mas algumas práticas incorporou. Dentre elas, o uso dos chamados fertilizantes-formula, os NPK. Em dado momento, Juarez explicou ao pai que ele deveria evoluir. Convenceu-o a usar herbicida. Isso nos anos 1970, quando Juarez acompanhava, de longe, o trabalho da Ascar¹ divulgando fertilizantes solúveis,



¹ Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural, hoje EMATER/RS-Ascar, empresa oficial de Assistência Técnica e Extensão Rural.

sementes híbridas, herbicidas, fungicidas e inseticidas:

- Eu não cheguei a participar dos clubes 4S, mas aqui na região aconteceu muito essas lavagens cerebrais, uma vez um rapaz colheu 40 sacos de milho. Ganhou prêmio, foi ovacionado. Mas a que custo?

Sigo ouvindo:

- O herbicida caiu aqui por gravidade, um movimento natural, vi os outros usarem, eu ajudava meu pai na lavoura de arroz, acabei influenciando ele. Meu pai não gostava, usava uma vez ou outra.

Na primeira metade dos anos 1970, ainda muito jovem, franzino, corpo de criança, fruto de uma hepatite que, de certa forma, retardou seu desenvolvimento, decidiu plantar por conta em terras arrendadas. Além do arroz, com o pai, plantava milho, mandioca, feijão e batata doce. Batata doce para vender na Ceasa. O milho era para os animais do sítio. Feijão para consumo, uma parte para vender. Mandioca era o carro chefe. Vendia para os produtores de leite, que a utilizavam para tratar suas vacas.

- Dei uma de empresário, achava bonito. Foi quando comprei 2 quilos de semente de milho híbrido. Usava uma colher de sopa de NPK por pé, produzia bem, era uma tentação. Até ali, o que a agricultura usava de insumos industriais? Nada. Era foice, enxada, ponta de arado. A partir daí, semente híbrida, adubo, mecanização, esse movimento desenvolvimentista.

Assim, começou a entrar nesse mundo, sentiu-se seduzido, seduziu o pai. Diz algo sobre o uso de venenos que eu nunca havia pensado ou ouvido. Que até intoxicar-se com agrotóxico tinha certo glamour, conferia à pessoa um ar chique. A intoxicação passava a mensagem que isso só acontece com quem é moderno, e eu sou. Recordamos juntos uma piada conhecida no interior. Um rapaz pobre, que tinha só uma égua, ouviu muitas vezes, no bar que frequentava, as pessoas comentarem que haviam perdido uma vaca, por doença ou acidente, para logo complementarem: “fazer o

que, só não perde quem não tem”. Com inveja dessa fala, achando bonito as pessoas dizerem isso, esse rapaz matou sua única égua. Chegou ao bar e repetiu a invejada fala: “perdi minha égua hoje, fazer o que, só não perde quem não tem...”.

Desde quando convenceu seu pai a usar herbicida, foram quase duas décadas de agricultura convencional. As áreas foram aumentando, de 3 para 5, depois 7 hectares de arroz. A aração, antes com boi, passou a ser mecanizada. Foi quando decidiu que ir para a cidade não fazia mais parte dos seus planos. Recorda-se, perfeitamente, que foi na primavera de 1980, trabalhando com um trator, quando respirou fundo e disse alto:

- Gosto tanto disso aqui, nesse momento me desvencilho da ideia de ir para cidade trabalhar.

Ir para a cidade seria para Juarez uma espécie de movimento natural. Era o que os jovens faziam, era o que seus irmãos haviam feito. Ele havia ficado com os pais, era o último dos moicanos... Mas por pouco tempo, tinha o sonho de ser pedreiro, trabalhar com construção. Esse sonho foi abandonado, quem sabe mais preciso dizer, substituído, naquela tarde primaveril em que realizou que o trabalho no campo era seu maior prazer.

A lavoura seguiu aumentando, chegou a ter 11 hectares de arroz. Por alguns anos, ganhou dinheiro.

Em certa ocasião, resolveu que não era mais possível colher o arroz manualmente. Decidiu contratar uma colheitadeira. Área pequena, afastada, não foi uma prioridade para o dono da máquina. Sua lavoura não foi das primeiras da fila, veio uma enchente, perdeu 50% do arroz.

Recordo com ele uma frase de Eduardo Galeano: “o sistema te convida para uma festa, mas não te deixa entrar”.

No ano seguinte, novo fracasso, outra safra frustrada. Sobrou a dívida. Recorda-se que seu Chevette ficou 18 meses parado porque não tinha dinheiro para pôr gasolina. Em um aparente paradoxo,

conta que foi um ano muito feliz, dos mais felizes que viveu:

- *Criou-se um grupo de jovens na região, ligados à Pastoral da Igreja Católica. Eu tinha 28 anos, solteiro, fiquei com os jovens. A partir da vivência com o grupo de jovens, resgatei ou, de certa forma, conheci a verdadeira juventude.*

Ele complementa com uma frase que nos faz lembrar que ter e ser são duas coisas diferentes:

- *Quebrado, usei a mesma calça jeans o ano todo, mas fui muito feliz naquele período, pela convivência amorosa entre todos nós.*

Não abandonou a lavoura, não abandonou o arroz. Fez uns bicos de motorista de caminhão, aprumou-se um pouco economicamente, sua vida de arroteiro seguiu. Entre altos e baixos.

Mas e a Agricultura Ecológica, quando entrou na vida de Juarez?

Foi na safra 1993/94. Estava na lavoura de arroz. Em certo momento, uma simples frase acendeu a fogueira, um quase sussurro o despertou. Juarez teve sua epifania. A ficha caiu. As fichas caíram. Nunca mais usou venenos.

Era a primeira vez que usava herbicida da forma adequada. Não apenas o pulverizador, emprestado, mas, também, os equipamentos de proteção individual. Botas, macacão, luvas, máscara. Essa falácia de proteção que a indústria propõe, como parte de responsabilizar o agricultor pelo mau uso, até por uma eventual intoxicação. Bem, lá estava Juarez, devidamente equipado, com um amigo, trabalhando desde cedo, pulverizando herbicida, como sempre feliz por estar em uma lavoura de arroz.

Pararam o trabalho, no fim da manhã, foram beber água. Nesse instante uma brincadeira surgiu. O amigo olhou Juarez e disse:

- *Você parece um lunático, que está vindo da lua!*

- *E você parece que vai para uma guerra!*

Riram, conversaram mais uns minutos, despediram-se. Mas aquele gracejo, aquela brincadeira de amigos, provocou uma reação

dentro do Juarez. O breve diálogo ficou repercutindo na sua cabeça. Principalmente sua própria resposta.

- Era meio-dia, a ficha caiu, caiu com estardalhaço, era isso mesmo: uma operação de guerra para produzir alimentos. Naquele momento percebi que era parte dessa operação de guerra. Ali, eu disse: não uso mais veneno, não uso mais adubo.

Foi um sonoro não, foi um brado interno que segue ecoando.

Decisão tomada, o próximo passo foi anunciar em casa. O pai não opinou contra. Afinal, agricultura sem veneno não era exatamente uma novidade para ele. A mãe, nem opinou, esse assunto era entre ele e o pai.

Começou a anunciar na comunidade. No início duvidaram, depois começaram a falar que estava louco, que iria quebrar. Essa reação era comum na quase totalidade dos amigos e/ou parentes de quem fez a opção pela Agricultura Ecológica até poucos anos. Em muitos lugares, quem sabe na maioria, segue sendo.

- Laércio, vivi um ano de isolamento, conversava só comigo mesmo. Depois pararam de falar de mim, afinal eu não tinha quebrado, estava até melhor do que antes. Além disso, percebiam que eu estava bem, com saúde, feliz, animado.

Nessa mesma época, com 38 anos, superou os problemas de saúde que vinham se acumulando com uma profunda reeducação alimentar. Passou a comer menos e melhor. Aprendeu que comer os alimentos crus antes dos cozidos, mastigar bem e não fazer outra atividade enquanto se alimenta é o cerne de uma boa dieta. Mais uma razão para os vizinhos o tacharem de louco...

Com o tempo, a ironia e o desprezo fizeram-se em curiosidade. Juarez e sua produção ecológica de arroz era motivo de diálogos menos desfavoráveis na comunidade, principalmente quando começou a receber visitas, às vezes de ônibus lotados, com profissionais da área que vinham visitá-lo.

Durante quatro anos produziu ecológico sem vendê-lo como tal.

Com pouco mercado, começou a plantar menos, muito menos, 25% da área, com uma queda drástica também na produtividade. Passou a colher 20% do que colhia. Não se importou tanto:

- Eu vinha de anos com uma lavoura arrozeira em crise, não conseguia dinheiro nem para manter equipamentos, trabalhava muito, estava doente, não sobrava nada. Se no ecológico produzisse só para comer, estaria bom. Eu pensava: vou trabalhar menos, ter mais saúde, me livrar do agrotóxico e desse mercado tóxico, onde só querem me explorar. Deu certo.

Deu muito certo.

Mas não sem antes enfrentar mais uma dose de dificuldades. Demorou quatro anos para achar mercado para seu arroz ecológico. Nesse meio tempo, vendia como convencional, levou calote de compradores de arroz orgânico, deu arroz para vacas e galinhas.

Muito tempo depois, Juarez, já razoavelmente conhecido, era frequentemente convidado para algumas palestras. Em uma delas defrontou-se com uma pergunta que chamou sua atenção. Por que você não desistiu? Produzindo pouco, levando calote, dando arroz para os bichos...

- Aquela pergunta me intrigou. Não achei a resposta. Sabe por quê? Porque me dei conta que nunca havia pensado nessa hipótese, nunca cogitei voltar atrás.

Sabe o que acho? Que é assim mesmo, quando encontramos o caminho, embicamos na vereda certa, voltar atrás deixa de ser uma opção.

Os momentos de dificuldades mais agudas se foram, o mercado foi surgindo. Quando, em 1998, foi chamado pela Cooperativa Ecológica Coolméia para ter uma banca na FAE – Feira dos Agricultores Ecologistas, de Porto Alegre, o mercado deixou de ser um problema sério.

Com sua decisão de produzir sem veneno, teve que buscar conhecimento. Leu, estudou, ouviu, mas eram conceitos gerais,

pouco se falava de lavouras de arroz. Recorre, então, aos seus conhecimentos ancestrais. Muitas vezes teve que recordar o que via seu pai fazer, ou das conversas de cerca, nas divisas das lavouras, que o pai tinha com vizinhos, sobre uma ou outra situação. Peço um exemplo:

- Lagarta. *“O que você fez? Tirei a água. Funcionou? Sim”. Resgatar esses fragmentos, aplicar e perceber resultado no final do ciclo foi fantástico para mim. Parecia a magia de uma criança dando os primeiros passos.*

A cada ano subia a produção, melhorava a produtividade, organizava-se na venda. No quarto ano, as colheitas já eram bem melhores.

Peço para que ele descreva a lavoura do arroz ecológico. Não é fácil tirar essas informações do Juarez. Não por falta de desejo de compartilhá-las, em absoluto. Mas porque sabe que manejo é função da variedade, da área escolhida, das condições climáticas daquele ano específico. Para ele, não existe um itinerário técnico que possa ser descrito e seguido. É seu olhar apurado que vai definir qual variedade plantar em determinada área, quando secar uma lavoura, quando deixar o arroz sob ou sobre a água.

Não é só o Juarez que é assim. Todos os agricultores ecologistas atentos que encontrei na vida, respondem da mesma forma às minhas perguntas sobre variedades, com o que adubar, como limpar, qual hora colher: “aí depende...”

De todos modos, vou tentando tirar algo sobre o manejo do Juarez com arroz...

Por exemplo, sobre o controle, sem o uso de herbicidas, de plantas espontâneas, as que aprendi na faculdade de agronomia serem daninhas. Ouço que cada planta é um manejo diferente. O capim arroz controla com lâmina d’água alta nos primeiros dez dias do arroz. Nesse momento, o arroz está um poucos mais do que no estado de agulha, ele tolera a lâmina d’água profunda, tem energia

para emergir. O capim arroz, com sua semente muito pequena, não emerge, não sai para fora da lâmina de água e morre.

Já o junquinho, uma ciperácea, e o aguapé, para a qual Juarez recorda-se, já usou muito 2,4D, combate-se com supressão da irrigação, secando totalmente a terra com 35 a 45 dias do plantio do arroz. Quanto mais rápido ele perceber que eliminou essas plantas, melhor. Ideal que seja em uma semana, no máximo, duas.

- É que o arroz suporta bem a falta de água nessa época. Um mês depois seria problema para ele. Laércio, são exemplos de coisas que ouvi naquela época, conversas dos meus pais com os vizinhos. Com a chegada dos venenos, parece que ficaram com vergonha desses conhecimentos, desconfortáveis com o que sabiam, eram vistos como sintoma de atraso.

Volto ao preparo do solo. É semelhante ao convencional. Mas Juarez faz questão de dizer que com um olhar diferente, mais atento, talvez com mais respeito com os canais de drenagem e de irrigação. Outra vez, peço um exemplo:

- Laércio, ouvi do Filinto, um antigo produtor de arroz da Coolméia, que sombrear o canal de drenagem evita que ali nasçam gramíneas, poupando o trabalho de limpá-los. É como faço. E funciona.

Sim, imagino que funciona. É conhecimento básico no estudo de populações vegetais que essa família, mormente as de raízes estoloníferas, são um dos recursos usados pela dinâmica da vida para cobrir o solo. Assim, evita-se o impacto direto do sol e da chuva sobre ele, com suas conseqüentes repercussões negativas. Caso outras plantas cumpram esse papel, o usual é que as gramíneas diminuam sua presença, por perderem sua função na dinâmica sempre ascendente daquele agroecossistema.

A terra é preparada quase igual ao que usualmente se faz. Prepara no seco, destorroando-a. Inunda por três semanas. Baixa a água, passa-se a máquina para “fazer lama”, induz a dormência

e semeia o arroz pré - germinado.

Pergunto o que é a indução de dormência.

- *Quando coloco água na terra seca, estou dizendo para as plantas germinarem. Mas a natureza nunca permite, por precaução, que todas as plantas germinem, precisa manter seu banco genético. Quando deixo a água por três semanas, estou avisando as que não emergiram que não haverá oxigênio por um bom tempo, elas se recolhem, entram em estado de dormência. Fazendo isso, terei menos problema com espontâneas.*

Fundamental também a escolha da variedade precisa para cada espaço. Na rizicultura ecológica é necessário um vigor inicial da semente, para que desponte antes da vegetação espontânea. Como Juarez gosta de dizer, a vocação de cada variedade é que vai determinar o vigor naquele local, no momento oportuno de plantio.

Um problema frequente, logo após a semeadura, são os caramujos. É comum mergulhar as sementes em inseticidas, antes de semear, para controlá-los. Eles tendem a comer plantas de 2 cm, às vezes, de forma voraz. Pergunto e ouço:

- *Se temos caramujo, retiro a água toda logo após o arroz sair de grão a plântula. Se não tem caramujo deixou a água uns dias a mais.*

Assim, no terceiro dia após o plantio, tira a água para o arroz enraizar e controlar o caramujo. Depois vem com água, pode ser um banho de 24 horas, ou a irrigação definitiva, como dissemos para controlar o capim arroz:

- *É meu olhar que vai definir. Se irrigar só por 24 horas, deixa uma semana sem água e então faz a irrigação por 30 dias, quando novamente pode surgir a necessidade de drenar, por conta da bicheira da raiz.*

Bicheira da raiz é a larva de um gorgulho aquático. Seu surgimento causa bastante temor entre os orizicultores, a ela são debitados perdas significativas nas lavouras de arroz irrigado.

Juarez segue explicando como faz para manejá-la sem o uso dos inseticidas usados nas lavouras convencionais:

- É necessário secar a lavoura, a larva do gorgulho não sobrevive sem água. Ando pela lavoura, se vejo manchas de arroz murcho, arranco uns pés e vejo a larvinha boiando na água, seco aquela área imediatamente. Por poucos dias, normalmente sete ou oito. A bicheira indica que a área está mal drenada e que aquela mancha é de um solo um pouco mais ácido.

Depois desse manejo de secar o arroz por sete ou oito dias, se necessário para controlar a bicheira, a lavoura seguirá inundada até o fim do ciclo.

A não linearidade, a quase confusa descrição do manejo do Juarez tem uma razão: tudo depende... viu ou não caramujos, tem ou não capim arroz?

Juarez é adepto da agricultura biodinâmica. Assim, no preparo do solo pulveriza um preparado biodinâmico de composto concentrado – fladen, que estimula a formação de húmus no solo. Nas áreas que julga oportuno, utiliza esterco, dos animais da sua propriedade. Eventualmente, utiliza pó de rocha em áreas que avalia como necessário.

Durante o ciclo, pulveriza outros preparados biodinâmicos. Utiliza o chamado chifre-esterco, em gotas grossas, assim que o arroz estiver semeado e em pré floração. O chifre-sílica utiliza no enraizamento e no enchimento do grão. Esse último, pulveriza em névoa.

Pergunto por algumas das variedades que planta. Não consigo anotar tudo... Mas, de acordo com sua preferência de criança, o que mais planta é o cateto. Dois tipos da variedade *cachinho*, o xamani e o japonêsinho. Planta também o cateto formosa, um grão ainda menor que o japonês. Tem também o Mochi – arroz cateto, da culinária japonesa, rico em amidos. Tem dois aromáticos, tipo agulha, um de origem tailandesa, outro indiana.

Ainda seis variedades de arroz vermelho... coisa linda né? E arroz negro, o mais valorizado entre os que ele planta. Esses todos são comercializados, mas tem muito mais...

Pergunto qual comemos no almoço que ele preparou, estava delicioso:

- *O da diretoria... Mix de moti com cateto aromático.*

Quando vamos ao seu local de armazenamento, mostra um arroz que ele denomina indo-azul. Ganhou umas poucas sementes, hoje tem 20 quilos. Vai ainda comer e perceber um pouco mais suas características antes de estar seguro que tem mais uma variedade com vocação para sua área, para seu ecossistema.

Pergunto sobre produtividade. Ouço que é cerca de 70% de um rizicultor convencional. Essa diferença é largamente compensada pelos custos baixos e pelo fato de beneficiar e vender diretamente seu arroz. Chega a receber seis vezes mais no caso do arroz agulha, quatro vezes mais no caso do cateto, do que um agricultor que simplesmente entrega seu arroz a uma indústria.

- *Laércio, se eu fosse vender aqui na porteira, estaria ainda com aquele chevette, sem gasolina...*

Em termos de comercialização, a cada quinze dias faz um entrega em Porto Alegre, para restaurantes e lojas de produtos naturais. Pedi a ele uma lista de preços para passar à Ecotorres, que teria interesse em vender seu arroz. Responde que nunca teve lista de preço... sorrio e penso o que meu filho, Daniel, de 16 anos me diria: respeita os *old school* pai!

Vende também para fora do estado. Resiste um pouco, vender nessas condições exigiu dele comprar uma embaladora à vácuo. Reclama da quantidade de plástico gasto na embalagem à vácuo. Na feira, vende quase tudo a granel. Na onda que está de reduzir produção, pretende focar apenas nessas entregas quinzenais e na feira.

- *Minha vida é a feira. Minhas relações sociais são via feira. A*

feira me dá dinheiro, mas recebo, também, reconhecimento, amor e carinho. Digo aos clientes que recolho todo o amor que recebo deles, venho aqui, planto e no outro ano o arroz fica melhor. Devo isso ao arroz, ele foi meu passaporte para estar na feira.

Volto um pouco no tempo. Preciso saber do Juarez, como começou seu trabalho com resgate de variedades de arroz.

Ele conta que, seis meses antes de entrar para a FAE, recebeu do Jaime Carvalho² um conjunto de sementes de arroz. A intenção foi de que quando ele entrasse para a feira tivesse uma variedade maior de arroz para ofertar. Semeou todas. Algumas nem nasceram, outras eram, como ele diz, sem vocação, não adaptaram-se minimamente ao seu sistema produtivo. Mas, atento, observou todas as variedades que nasceram. Anotou tudo. Fazia contagem de perfilho, escrevia sobre o comportamento de cada variedade, detalhe das folhas, se verde escura ou verde claro, se viçosa ou não:

- Dei muita atenção àquele trabalho. Observava, atentamente, sempre que podia. Ficava no meio daquelas variedades como uma vaca lambendo a cria. Eu não queria sair de lá. Um dia, no final da tarde, lembrei do que fazia com 7 anos, meus plantios na hora da sesta do pai. E o mais importante e motivador, é que naquele

² Jaime Carvalho é técnico em agropecuária e de 1994 a 2003 atuou, pela Cooperativa Ecológica Coolméia, como “operacional das feiras”, função que o deixava muito próximo aos feirantes. No âmbito da mesma Coolméia era membro da Ecotec, espaço que congregava profissionais da área preocupados com o desenvolvimento de ecotecnologias aplicadas ao dia a dia das famílias agricultoras. Ele próprio me informou que recebeu as sementes do Bernardo Iochpe, à época trabalhando no Irga, e repassou para o Juarez multiplicá-las. A ideia era proteger as sementes disponibilizando diferentes variedades nas feiras e na própria cooperativa.



momento, com 42 anos, revi a cena.

Juarez fica visivelmente emocionado nesse momento das suas recordações:

- Esta lembrança havia ficado esquecida dentro de mim por mais de 30 anos. Essa constatação de que com 7 e 8 anos eu fazia o que estava fazendo aos 42, com o mesmo encantamento, a mesma pureza, a constatação que eu tinha passado tanto tempo com aquela lembrança esquecida, me emocionou muito. Fiz a leitura como sendo o despertar da criança que havia ficado órfã dentro de mim por três décadas.

Imediatamente recordo Fernando Pessoa: “comprem chocolates à criança à quem sucedi por erro”.

Nesse momento, Juarez assumiu essa tarefa de Guardião de Sementes de Arroz. A partir do trabalho de observação atenta das variedades que ganhou e da recordação daquilo que fazia quando criança, seus olhos abriram. Se quem tem olhos de ver que veja, Juarez passou a ver. Vejam só que interessante: dentre as duas variedades de arroz que há anos plantava, descobriu outras três. Estavam ali, não haviam sido vistas. A criança acordou, atenta e vibrante, achou o seu “que fazer” no mundo.

- Virei um buscador de sementes, com olhos bem abertos. Essa é a minha pequena cota de responsabilidade perante a humanidade. Eu via essa erosão absurda de variedades, esse foi meu impulso, tentar resgatar e proteger. Não podemos nos dar ao luxo de jogar no lixo essas pérolas. Hoje, em casa, tenho mais de 50 variedades.

Quando percebeu que era essa sua tarefa, passou a procurar por novidades nas velhas variedades, antigas sementes. Visitava pequenos produtores de arroz, observava, identificava variedades

- Graças a Deus eles plantam para comer, não se preocuparam em purificar as variedades/sementes. Aprendi que essa mistura saudável quem fazia era também a trilhadeira. Trilhava o arroz em

um produtor, guardava algo na barriga, ia para outro, misturava de novo.

É, de fato, nunca se sabe de onde vêm os milagres.

Visitou mais de 20 produtores. Ficou conhecido e reconhecido por esse trabalho de resgate. Agora já não precisa buscar, percebe que as sementes caminham até ele. Dá um exemplo que o marcou muito. Em uma ocasião, soube de um certo arroz periquito – arroz cateto, de sequeiro, que um agricultor de Santo Ângelo teria. Nunca tinha ouvido falar. Precisava dessa variedade, queria ir buscá-la, mas não era tão próximo. Passou o tempo, acalmou-se um pouco, não foi.

- Fiquei doido, liguei o radar e fiquei três anos farejando essa semente.

Algum tempo depois chegam novos vizinhos, de Concórdia, SC. Em algum momento foram visitar a família e voltaram com umas sementes de arroz. Plantaram, ele cresceu e espigou. Logo, Juarez identificou, era o arroz que ele tanto desejava. Com esse episódio, chegou a uma peremptória conclusão:

- As sementes são seres espirituais que, quando podem, buscam os humanos que as querem plantar, colher e cuidar.

Juarez mantém ativa sua dose de militância. Segue sendo muito convidado para dar palestras e cursos. Entre 2011 e 2014 foi Presidente da Associação Agroecológica, que tem a responsabilidade de coordenar a FAE.

Mora sozinho na sua casa. Na casa que foi dos pais, uns 100 metros longe, mora Willian, um jovem que é seu parceiro nas atividades da propriedade. Conta ainda com outros colaboradores eventuais.

Pergunto a ele como é morar ali:

- Morar sozinho aqui é muito bom. Silêncio, paz, meus livros, minhas leituras, meus pensamentos.

Vamos chegando ao final da conversa. Juarez comenta que

finalmente tem conseguido trabalhar menos. Há anos promete-se isso, agora vem cumprindo. Assim, recentemente, abriu mão de um plantio de 80 hectares de arroz, que fazia em parceria com nosso amigo comum e, assim como Juarez, referência no plantio de arroz orgânico, João Volkmann. Na próxima safra pretende plantar 5 hectares de arroz.

- Preciso dedicar mais tempo a mim, cursos, autoconhecimento, algumas viagens. Em muitos momentos estamos correndo muito, defendendo status ou níveis de rendimentos econômicos. Não quero mais isso.

Já na saída, vamos conversando, falo com ele que a Agricultura Ecológica tem crescido muito, mas nós que há anos nos dedicamos a essa atividade ainda somos minoria, ainda somos os diferentes. Termina aqui, com sua resposta:

- Não sei se somos diferentes pelo modo que plantamos ou vemos a agricultura. Somos diferentes porque mais do que transformarmos nosso modo de fazer agricultura, nós nos permitimos ser transformados por essa forma de fazer agricultura.

